

## AS DEFINIÇÕES DADAS AOS ADVÉRBIOS E À CATEGORIA ASPECTO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Regina Maria Vink  
Departamento de Letras  
UNICENTRO, Irati-Paraná

**Resumo:** As classes gramaticais da língua portuguesa já foram e continuam sendo estudadas e abordadas sob os mais diferentes prismas. No entanto, algumas dessas classes receberam um tratamento privilegiado, enquanto outras categorias foram pouco estudadas e trabalhadas como, por exemplo, os advérbios. Primeiramente, atendo-nos às definições contidas nas gramáticas tradicionais, observamos a grande confusão na elaboração de conceitos em que se misturam as noções sintáticas e semânticas e, muitas vezes, os autores ignoram a existência do aspecto em Português. Partindo deste fato, buscou-se confrontar definições de várias gramáticas tradicionais sobre os vários conceitos dados aos advérbios e mostrar como os gramáticos classificam a categoria, quais as principais questões quanto a esta classe e principalmente como se comportam os advérbios quando ligados ao tempo gramatical das sentenças. O termo aspecto aparece de forma complexa, nada esclarecedora, tornando o tema mais confuso ainda. O objetivo foi desenvolver um estudo sobre a semântica dos advérbios que contribuem para a interpretação temporal dentro de um contexto.

**Palavras-chave:** advérbios; aspecto; verbo; tempo; gramáticas.

**Abstract:** The grammatical classes of Portuguese language have been studied and approached according to various points of views. Nevertheless, some of these classes have received more attention while others have not been studied extensively as, for example, the adverbs. At first, when we focus on the definitions presented by the traditional grammars, we notice the big chaos concerning the conceptual elaboration in which the semantic and syntactical notions are mingled. In addition, the existence of aspect in Portuguese is quite often ignored by the authors. Therefore, we tried to compare definitions from many traditional grammars regarding the various adverb concepts,

showing how the authors classify this category, what the most important questions related to this class are and, mainly, how adverbs perform when they are linked to the grammatical tense of the sentence. The expression aspect appears under a complex and unclear definition, making the subject even more puzzling. The research aim has been to develop a theoretical study about adverb semantics, which would contribute in a temporal understanding within a context.

**Key-words:** adverbs; aspect; verb; tense; traditional grammars.

## O advérbio nas gramáticas tradicionais

Será que os advérbios em Português têm solução?

Partindo disso, procurei buscar explicações para algumas questões que se encontram em relação quanto aos advérbios de tempo especificamente e não cheguei a grandes conclusões.

Primeiramente, atendo-se às definições de *advérbio* apresentadas nas gramáticas tradicionais consultadas, observam-se grandes confusões na elaboração de conceitos em que, muitas vezes, misturam-se noções semânticas, morfológicas e sintáticas. Por outro lado, os gramáticos tradicionais nem se referem à categoria aspecto.

Nas gramáticas tradicionais consultadas, o conceito é: “o advérbio é visto como uma categoria que usufrui certa mobilidade dentro da sentença e é dada como uma categoria modificadora do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio.”

CÂMARA JR. (1967) foi colocado junto aos gramáticos tradicionais, mas o correto seria colocá-lo entre os lingüistas contemporâneos, pois ele classifica os advérbios como classe modificadora e como determinantes de um verbo ou de um nome.

PERINI (1995) também foi colocado como gramático tradicional, também é lingüista e define o uso de advérbio como um misto entre sintaxe e semântica, por entender que modificação é uma noção muito obscura, porém, semanticamente, PERINI afirma que *modificação* indica que um advérbio teria seu significado amalgamado ao de um outro elemento, formando um todo semanticamente integrado.

Quanto à categoria aspecto, os gramáticos tradicionais como Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida, Rocha Lima, Silveira Bueno e Macambira não fazem qualquer referência, no entanto, ao analisar a Gramática filosófica de Jerônimo Soares BARBOSA (1803), observa-se que ele ponderou a existência de algo mais que o tempo gramatical, mostrou-se preocupado em correlacionar três tempos distintos (o momento de fala, o momento em que a ação se realiza e um outro momento tomado como ponto de referência que seria suprido pelo texto). No entanto, Barbosa não utiliza o termo aspecto. ILARI (1997) faz referência à colocação de Jerônimo Soares Barbosa em um de seus livros que falam sobre a expressão do Tempo em Português.

A Gramática Tradicional Portuguesa (GTP) diz que o advérbio “modifica” determinadas classes (entre as quais o próprio advérbio). Neste artigo serão discutidos conceitos referentes aos advérbios inclusos em diversas gramáticas tradicionais da língua portuguesa.

BARBOSA define o advérbio como:

não é outra coisa mais do que uma redução, ou expressão abreviada da preposição com seu complemento em uma só palavra indeclinável, ou invariável. Chama-se advérbio, porque, bem como a preposição com seu complemento se ajunta a qualquer palavra de significação ou vaga ou relativa, para a modificar, restringindo-a ou completando-a, o mesmo faz o advérbio com mais concisão e brevidade (1803, p. 234).

Poderíamos dizer que se junta a uma preposição um complemento, seja substantivo, adjetivo ou uma palavra modificada, restringindo ou complementando seu significado. Para exemplificar o que acabamos de dizer, temos:

(1) *Viver com cautela.* (preposição com substantivo)

(2) *Viver cautelosamente.* (advérbio)

BARBOSA (1803) diferencia advérbios e nomes adverbiosos, em que o advérbio pode ser visto como uma redução de uma palavra com seu complemento numa só palavra. O autor cita o exemplo do advérbio “aqui”, que compreende a preposição “em” e o seu complemento “este lugar”, como se disséssemos “neste lugar”, que é uma palavra invariável.

ALMEIDA (1911, p. 316), na sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa, escreve que “advérbio é toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio e cita três aspectos em que se pode considerar o advérbio quanto à circunstância, quanto à função e quanto à forma”. Quanto à circunstância, é necessário que seja observada a idéia que o advérbio encerra, quanto à função, é a mesma citada por outros autores em gramáticas tradicionais, que dizem “o advérbio é uma palavra que modifica o verbo.” Quanto à forma, os advérbios dividem-se em advérbios propriamente ditos, que se apresentam numa só palavra e, as locuções adverbiais.

Segundo ALMEIDA (1911, p. 318) há algumas palavras que não podem ser enquadradas na conceituação e classificação do advérbio, nem em nenhuma outra classe, terão de ser classificadas como palavras que denotam exclusão (só, somente, unicamente), inclusão (outrossim), situação (quase, casualmente), designação (eis) e retificação (aliás).

Para CUNHA (1972, p. 499), o advérbio pode ser visto como “palavras que se juntam a verbos para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos para intensificar uma qualidade.” O autor ainda observa que os advérbios de afirmação, de negação e os advérbios de dúvida não se conciliam com esta proposta, pois não expressam circunstâncias, não são intensificadores e não dizem respeito ao processo verbal.

Baseando-se nas colocações do autor, foram retirados alguns exemplos do VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil):

(3) *Realmente choveu muito.*

Neste exemplo, há uma afirmação, porém não há denotação de circunstância, de uma particularidade que acompanha um fato.

(4) *De fato ele se enganou.*

De fato expressa a opinião do locutor, que não diz respeito ao processo verbal, nem o advérbio pode ser considerado um intensificador.

(5) *Provavelmente hoje choverá.*

Neste exemplo, também aparece a opinião do emissor e não se relaciona com o processo verbal, devido ao fato de que o verbo chover é pessoal.

Ainda CUNHA (1985, p. 499) afirma que “sob a denominação de advérbios reúnem-se, tradicionalmente, palavras de natureza nominal e pronominal de emprego muito diverso”. Quando CUNHA elaborou este conceito de advérbio, alguns lingüistas observaram que o conceito de advérbio poderia realmente ser revisto tanto do ponto de vista funcional, como do ponto de vista semântico e que os advérbios recebem a denominação da circunstância ou de outra idéia acessória que expressam idéia de tempo, de lugar, de intensidade, de modo etc.

Veja os exemplos a seguir:

a) os advérbios chamados “de intensidade” podem reforçar o sentido de outro advérbio:

(6) *A vida não lhes correrá nem muito bem nem muito mal.*

b) certos advérbios aparecem modificando toda a oração:

(7) *Os cachorros latiam desesperadamente.*

O autor se apropria dos conceitos estabelecidos já pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que distingue os advérbios como de afirmação, advérbios de intensidade, advérbios de lugar, advérbios de modo, advérbios de negação e advérbios de tempo. Ainda são incluídos na classe dos advérbios os interrogativos, que indicam circunstâncias de causa, de lugar, de modo e de tempo nas interrogações diretas e indiretas:

a) De causa: por quê?

b) De lugar: onde?

c) De modo: como?

d) De tempo: quando?

A locução adverbial como o “conjunto de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio e de regra, as locuções adverbiais se formam da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio”.

(8) *Meu pai batia-lhe **no ombro em silêncio.***

(9) *Não, não vou **por aí!***

Assim como a NGB divide os advérbios em várias espécies, CUNHA (1985, p. 501) também classifica as locuções adverbiais de forma parecida:

De afirmação ou dúvida: com certeza, por certo, sem dúvida etc.

De intensidade: de muito, de pouco, de todo etc.

De lugar: à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, para dentro, por perto, por onde, por ali, por aqui, por fora, em cima, de perto etc.

De modo: à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às claras, em geral, em silêncio, frente a frente.

De negação: de forma alguma, de modo algum etc.

De tempo: à noite, à tardinha, de dia, de vez em quando etc.

O gramático cita os graus dos advérbios em que alguns deles classificados como de modo, de tempo, lugar e intensidade são, à semelhança dos adjetivos, suscetíveis de grau, conforme apresenta-se abaixo:

O grau comparativo pode ser dividido em: comparativo de igualdade (tão longe, tão rapidamente), comparativo de superioridade que se divide em analítico e sintético, comparativo de inferioridade (menos longe, menos rapidamente), já o grau superlativo absoluto pode ser analítico ou sintético. Como analítico, citam-se *muito longe*, *muito rapidamente* e como sintético, citam-se *longíssimo*, *rapidíssimo*. Na linguagem familiar, certos advérbios assumem forma diminutiva, mas com idéia de intensidade, a modo dos superlativos *agorinha*, *cedinho*, *pertinho*, *juntinho*, *devagarinho*.

BECHARA (1986, p. 152), ao escrever a Moderna Gramática Portuguesa, assim como os demais gramáticos, também acha que “os advérbios denotam circunstâncias (de lugar, de tempo, de intensidade, de condição etc).”

(10) *Aqui tudo vai bem.* (Aqui - lugar e bem - modo)

(11) *Hoje não irei lá.* (Hoje - tempo, não - negação e lá - lugar)

Para BECHARA (1989, p. 152-153), o advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo ou a um adjetivo, a um advérbio ou a uma declaração inteira:

(12) *José escreve bem.* (Advérbio em referência ao verbo *escrever*)

(13) *José é muito bom escritor.* (Advérbio em referência ao adjetivo *bom*)

(14) *José escreve muito bem.* (Advérbio em referência ao advérbio *bem*)

(15) *Felizmente José chegou.* (Advérbio em referência a toda a declaração)

O advérbio estabelece a transição de vocábulos variáveis para invariáveis; a rigor, não tem flexão, porém há advérbios que admitem graus de qualidade, como os nomes e como circunstâncias adverbiais expressas por advérbios ou locuções adverbiais, como cita o autor:

Assunto: Conversar sobre música.

Causa: Morrer de fome.

Companhia: Sair com os amigos.

Concessão: Voltaram apesar do escuro.

Condição: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

Conformidade: Fez a casa conforme a planta.

Dúvida: Talvez melhore o tempo.

Fim: Preparou-se para o baile.

Instrumento: Escrever com o lápis.  
Intensidade: Andou mais depressa.  
Lugar: Estuda aqui.  
Modo: Falou muito devagar com o policial.  
Referência: O que nos sobra em glória de ousados e venturosos navegantes, mingua-nos em fama de enérgicos e previdentes colonizadores. (Latino Coelho)  
Tempo: Visitaram-nos hoje.  
Afirmção: Sim, eles virão.  
Negação: Não conseguirá ler sem os óculos.  
Como observação, ainda, BECHARA (idem, p. 153) cita que a NGB utiliza denotadores, como:

Inclusão: Até o professor riu.  
Exclusão: Só Deus é imortal.  
Situação: Mas que felicidade.  
Retificação: Comprei cinco livros, aliás, seis.  
Designação: Eis o homem.  
Realce: Não é que somos brasileiros.  
Expletivo: Vejam só que coisa horrível!  
Explicação: Eram três irmãos, a saber: Pedro, Gilberto e Antonio.  
Pode-se dizer que o advérbio se liga ao processo verbal, como nos exemplos abaixo:

- (16) *João dorme cedo/tarde.*
- (17) *João falou cedo/tarde.*
- (18) *João começou a trabalhar cedo/tarde.*

Com estes exemplos, percebe-se que não se pode afirmar que o advérbio indica posição no tempo em relação ao momento em que se fala, a não ser que esse seja entendido como um ponto neutro convencional, impreciso, subjetivo, com relação ao qual houvesse uma anterioridade (*cedo*) ou posterioridade (*tarde*). No entanto, do ponto de vista lingüístico, *cedo/tarde* podem co-ocorrer com outros indicadores de tempo; *cedo/tarde* podem ser intensificados, mesmo que ocorram com outros indicadores de tempo.

- (19) *Chegou hoje cedo.*
- (20) *Virá amanhã cedo.*
- (21) *O padeiro costuma passar bem cedo.*
- (22) *O carteiro passou bem cedo hoje.*

Observando o advérbio de tempo *hoje*, nota-se que este indica uma coincidência entre o tempo do enunciado e o momento de sua emissão, pois toma como ponto de referência uma extensão definida, ou seja, *o dia em curso*. *Hoje* indica o espaço de 24 horas em que está inserido o momento da enunciação.

*Ontem e amanhã* indicam, respectivamente, o dia anterior ao de hoje e o dia posterior a hoje, ligados ao passado ou ao futuro. A posição dos advérbios não interfere na interpretação na sentença.

(23) *João chegou da Europa hoje.*

(24) *Hoje João chegou da Europa.*

Para BOMFIM (1988, p. 56):

ontem/hoje/amanhã e similares se diferenciam do subgrupo anterior cedo/tarde por: não serem passíveis de intensificação; terem um ponto de referência no contexto lingüístico do mesmo modo que os pronomes. É necessário refletir sobre a pertinência da inclusão desses elementos na classe dos advérbios. Observa-se que partilham com os advérbios a noção de tempo e respondem àquela pergunta (quando ?) mas, por outro lado, partilham com os pronomes a dêixis, a referência e a possibilidade de exercer a função de sujeito... os advérbios *antes/depois* são passíveis de intensificação, co-ocorrem com outros indicadores de tempo, podem juntar-se a uma preposição para formar uma locução prepositiva e respondem à pergunta: Quando?

(25) *Venha depois do jantar.*

(26) *Chegou antes de mim.*

Outro grupo de advérbios de tempo observado por BOMFIM (1988) foi *nunca/sempre/às vezes*, que, embora respondendo à pergunta quando?, os quais indicam frequência, hábito, repetição e estão mais ligados à categoria de aspecto.

(27) *Eu durmo sempre bem.*

(28) *Eu durmo bem sempre.*

(29) *Eu durmo sempre cedo.*

(30) *Eu durmo cedo sempre.*

Observa-se que em (27) e (29) a frequência pode incidir no modificador do verbo e em (28) e (30) modifica toda a oração.

Entende-se que *nunca* indica frequência reduzida a zero, por isso, pode confundir-se com o tempo, ou seja, corresponde a tempo nenhum e pode ser comprovado pela oposição nunca e sempre, onde nunca aparece como frequência negativa e sempre aparece como frequência positiva.

Para concluir as colocações sobre os advérbios de tempo, BOMFIM cita o advérbio *agora* que, para ela, está inserido no espaço de 24 horas no momento da enunciação, convencionalmente designado por *hoje*, *ontem* (anterior), *amanhã* (posterior). Porém, entende-se que os significados dos advérbios *agora* e *hoje* não se restringem ao espaço de 24 horas, podendo significar um período de tempo bem maior. Observe os exemplos abaixo:

(31) *Agora as lojas estão liquidando toda a mercadoria.*

(32) *Hoje as pessoas não se respeitam mais.*

Tanto no exemplo (31) como em (32), nota-se claramente que os advérbios *agora* e *hoje* não delimitam um espaço de 24 horas, representam um intervalo bem maior, um período de tempo. Essa diferença prende-se a fatores de ordem pragmática, que lida

com os aspectos do contexto. Costuma-se dizer que os advérbios de tempo costumam responder à pergunta quando?

PERINI (1995, p. 31), em sua “Gramática descritiva do português”, define:

o uso do advérbio como um misto entre sintaxe e semântica, por entender que “modificação” é uma noção muito obscura, e com este termo está se referindo a todas as definições e conceitos existentes em gramáticas de autores consagrados e que precisam ser revistos, ou melhor, cada palavra enquadrada como advérbio precisa ser analisada separadamente, observando suas funções sintáticas e semânticas na oração e nunca em conjunto ou espécies como cita a Gramática Tradicional Portuguesa .... “As gramáticas são repetitivas, e ele propõe que o estudo da gramática de uma língua não pode dispensar o estudo da teoria e da metodologia lingüística.” Quanto à classe dos advérbios, o autor questiona que a palavra “modifica”, segundo ele, “inviabiliza a definição, pois sintaticamente a noção de modificação parece referir-se à ocorrência dentro do constituinte.

O autor trabalha com um número reduzido de palavras, que são tradicionalmente chamadas de advérbios; utiliza *não*, *rapidamente*, *completamente*, *muito e francamente*, classificadas respectivamente como *advérbios de negação*, *de modo*, *de intensidade*, *de modo*, *de intensidade*, *de modo*, classificação interessante dentro da semântica, mas que, dentro de um estudo sintático, não seria suficiente, visto que pode ocorrer uma modificação quando observado dentro do contexto.

PERINI (1995, p. 38) coloca os advérbios citados em diversas funções sintáticas como veremos a seguir nos seus exemplos:

Negação verbal: Seu tio não apareceu na estação.

Intensificador: Almeida é muito magro. Almeida estava completamente bêbado.

Adjunto circunstancial: Ela ri muito

Atributo: Terminamos a pintura rapidamente. Ela me revelou tudo francamente.

Adjunto adverbial: Ela decorou o apartamento completamente.

Adjunto oracional:

Francamente, acho que ele nos enganou.

Através desses exemplos, observa-se que essas palavras podem ocupar pelo menos seis funções e algumas delas podem ocupar mais de uma função. Partindo desta colocação, percebe-se que a classificação em advérbio “de modo”, “de intensidade”, não corresponde à classificação sintática encontrada, por isso nota-se que será difícil estabelecer uma classe que englobe a totalidade ou quem sabe a maioria das palavras denominadas “advérbios”.

Para PERINI (1995, p. 339):

a Gramática Tradicional Portuguesa é claramente inadequada. Do ponto de vista semântico, a noção de modificação significa que um advérbio teria seu significado preso ao de um outro elemento, formando um todo integrado semanticamente. Perini cita um exemplo: Quando dizemos corremos, está se falando em ação; se dissermos corremos depressa exprime a mesma ação, só que acrescida de algum ingrediente de significado de modo. Do ponto de vista sintático, Perini afirma que “a noção de modificação, parece referir-se à ocorrência conjunta dentro de um constituinte: o que se chama em sintaxe estar em construção com...” Assim usando o mesmo exemplo corremos depressa, diz que há formação de um constituinte (corremos está em construção com depressa). Nós entendemos que não basta este argumento, pois se o advérbio fosse definido como um elemento que está na construção com o verbo, qualquer complemento que acompanhasse o verbo deveria ser adverbial.

BECHARA cita o exemplo abaixo, onde contraria quase tudo sobre advérbio:

(33) *Comi uma peixada.*

Não poderíamos aceitar a colocação acima, visto que “uma peixada”, no exemplo citado, está na construção com o verbo e, no entanto, não é adverbial e sim um complemento verbal, um objeto.

PERINI (1995, p. 356) ainda critica em sua gramática “os autores não-tradicionais que colocam a classe dos advérbios como elemento modificador do verbo, talvez por não vislumbrarem outra alternativa.”

Se a concepção informal de advérbio estiver ligada a uma lista de palavras, logo se perceberá que estas listas não dizem muita coisa, a não ser à incoerência de alguns professores de Português, que insistem a todo custo que seus alunos as decorem.

PERINI (1995, p. 368) conclui dizendo que “não há uma definição adequada à classe dos advérbios, e que, tal definição, deveria ser formulada em termos de funções que estes desempenham quando estão em construção com o verbo e insiste na idéia de que sob o rótulo de advérbio se esconde uma variedade irreduzível de classes.”

Hoje, em algumas gramáticas, encontramos conceitos e observações sobre a estrutura e classificação dos advérbios que parecem ser uma retomada do que BARBOSA (1803, p. 185) propõe em sua *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*:

que advérbio seria uma redução ou uma expressão abreviada de uma preposição com seu complemento em uma só palavra e invariável; pensa-se que uma só palavra seria entender o conjunto entre preposições mais substantivos, ou então, um grupo de palavras que dão idéia de modificar, restringir ou completar o sentido de um verbo, de um adjetivo ou de outro advérbio.

Percebe-se que, dentro do estudo feito pelas Gramáticas Tradicionais sobre os advérbios, há grande confusão de conceitos dentro da morfologia, da sintaxe e da semântica. Quanto às listas elaboradas pelos gramáticos, há muito que questionar, pois muitos dos advérbios que encontramos nas orações não fazem parte de lista alguma.

(34) *Estou em Curitiba.* (Em Curitiba é sem dúvida um advérbio de lugar e não consta em lista nenhuma).

Observou-se que alguns gramáticos tratam de forma especial os advérbios de tempo e de lugar, que, embora possam parecer à primeira vista os menos problemáticos, mereceram comentários especiais. Não é pacífico considerar que os advérbios de tempo e lugar estão relacionados ao verbo, há um comportamento diferenciado dos elementos integrantes dos grupos.

Ao observar algumas gramáticas tradicionais, como a de Rocha LIMA (1946), de Silveira BUENO (1960) e de MACAMBIRA (1970), verificou-se que elas não diferem em nada, ou melhor, não acrescentam nada às outras gramáticas normativas existentes no Brasil.

### **Aspecto nas gramáticas tradicionais**

Até agora, analisamos algumas conceituações que as gramáticas tradicionais apresentam sobre os advérbios que é o objeto do nosso trabalho, porém achamos conveniente observar o que os gramáticos tradicionais falam sobre aspecto, visto que nosso objetivo, como já dissemos, é desenvolver o estudo sobre a semântica dos advérbios que contribuem para a interpretação temporal e aspectual, pois, ao ler sobre o assunto, notamos que alguns autores não fazem qualquer referência à categoria, ou então, quando se referem ao assunto, fazem-no de forma complexa, pouco esclarecedora, tornando o tema ASPECTO mais confuso ainda. Vejamos, então, a posição de alguns gramáticos:

Ao tomar conhecimento da *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa* (1803, p. 150), por Jerônimo Soares BARBOSA, Ilari já ponderou que deveria existir “algo mais que o tempo gramatical, porém ele não utiliza o termo aspecto, mas mostrou-se preocupado em correlacionar três momentos distintos.”

ILARI cita o autor<sup>1</sup> quando se refere “A expressão do tempo em Português” (1997, p. 13), sobre a qual BARBOSA observa, no final do século XVIII, (p.150) “que não deveria ser algo tão simples a relação de temporal e mostrou-se preocupado com a necessidade de analisar cronologicamente três momentos distintos: o momento da fala, o momento em que a ação se realiza e um outro momento tomado como ponto de referência suprido pelo texto, que corresponderia a ME® MR ® MF ”, colocações que mais tarde seriam usadas por REICHENBACH (1947) e adotadas por Carlota SMITH (1978).

ALMEIDA (1911, p. 78) não faz qualquer referência à categoria aspecto em sua gramática; tem como grande preocupação somente “o tempo gramatical que é expresso e pode ser praticado em épocas diferentes e assim nasce a flexão temporal, que visa indicar a época, o tempo em que se realiza a ação verbal, pode-se até dizer que se não houver flexão não ter-se-á tempo (tempo semântico).”

CÂMARA JR (1967, p. 45) já se preocupa, em sua obra “Princípios de Linguística Geral”, com a categoria aspecto; “ressalta a dificuldade que existe em contrastar o tempo entre as diversas línguas e concorda que o aspecto está relacionado com a noção

dominante que rege a distribuição das formas verbais” e que os lingüistas alemães denominaram de Aktionsart, isto é, “a maneira de ser da ação”.

CÂMARA JR. (1967, p. 58) conclui “que o tempo e o aspecto se coordenam, em regra, na expressão de uma forma verbal; conforme a língua, o sistema de formas verbais se distribui por linhas diretrizes de uma ou de outra dessas categorias, que muitas vezes se complementam.”

CUNHA (1985, p. 370) define aspecto “como uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo” e “postula que o falante pode considerar a ação como concluída ou não observada na sua duração, na sua repetição e que significa que são os verbos auxiliares que transmitem ao contexto muitas vezes os diversos sentidos que a sentença possa ter.”

CUNHA (1985, p. 375) admite “que os sentidos são determinados pelo verbo auxiliar, visto que estes verbos fazem parte de locuções verbais e que o verbo principal pode aparecer ou no gerúndio, ou no particípio, ou no infinitivo.”

Vejam os exemplos:

- (35) *Acabo de ler Os Lusíadas.* (pontual)
- (36) *Continuo a ler Os Lusíadas.* (durativo)
- (37) *Vou lendo Os Lusíadas.* (contínuo)
- (38) *Voltei a ler Os Lusíadas.* (descontínuo)
- (39) *Comecei a ler Os Lusíadas.* (incoativo)
- (40) *Acabei de ler Os Lusíadas.* (conclusivo)

Nos exemplos (36) e (37), vemos os aspectos durativo e contínuo, respectivamente; não há diferença aspectual, pois, tanto num exemplo quanto em outro, a ação é contínua e limitada é só questão de uso de nomes diferentes.

Em relação ao exemplo (35) e (40), o autor também usa termos diferentes, mas que, a nosso ver, representam a mesma coisa, exceto pelo verbo, que no aspecto pontual, apresenta-se no presente do indicativo e, no conclusivo, está no pretérito perfeito, dando o aspecto perfectivo.

CUNHA (1985, p. 386) faz ainda oposições aspectuais entre a forma simples e a perífrase durativa *leio/ estou lendo*, mas não especifica qual é o aspecto; nesse caso, refere-se à categoria num sentido bem geral, não como categoria verbal, e também não se preocupa em sistematizá-la; trata dos modos de ação como aspecto, porém não consegue deixar claras suas colocações, que ficam confusas; reconhece a categoria aspecto nos verbos do português e tenta incorporar à sua gramática, porém falta-lhe fundamentação teórica.

BECHARA (1989, p. 175) refere-se à categoria aspecto quando trabalha com os verbos auxiliares, afirmando “que o verbo auxiliar combinado com o infinitivo ou com o gerúndio determina os aspectos do momento da ação verbal.”

Baseados nesta colocação de BECHARA, nota-se que não podemos citar a ação verbal como aspecto e sim como modos de ação verbal. Conclui-se que o autor não tem posição definida quanto à categoria.

Ao compararmos as posições de BECHARA e Celso CUNHA, vemos que o primeiro não tem uma definição de aspecto; ele caracteriza como aspecto o momento de ação verbal, o que nos leva mais para a categoria tempo que para o que chamamos de aspecto; como postulado por DOWTY (1979, 1986), entende-se que o aspecto é a relação estabelecida entre *tempo de evento* (TE) e *tempo de referência* (TR). Ao fazer referência à categoria aspecto, é necessário tratá-la como uma categoria verbal e, ainda, estabelecer um quadro aspectual, já o segundo aspecto é uma categoria gramatical.

Percebe-se que alguns autores, como Câmara, Cunha e Bechara, deram os primeiros passos em direção à categoria aspecto como uma categoria linguística, ou seja, observaram que havia muito mais elementos nos processos verbais e que poderiam mudar o rumo dos estudos gramaticais, no entanto, autores como Rocha Lima, Silveira Bueno, Napoleão Mendes de Almeida não fazem referência ao aspecto verbal em suas gramáticas, trabalham somente com voz, tempo e modo verbal.

Para CASTILHO (1968, p. 65), “o aspecto indica duração ou desenvolvimento do processo e do estado expressos pelo verbo, o que significa dizer que o aspecto consiste na representação espacial do processo. Em outras palavras, é a categoria que se reporta aos graus de realização da ação.”

Depois de vários estudos e comparações feitas sobre a categoria aspecto e os advérbios por gramáticos e linguistas, notou-se que as dúvidas continuam; muitas teorias são levantadas, mas falta fundamentação teórica e, devido a tanta complexidade, fazem-se necessários estudos exaustivos e detalhados sobre as categorias para que se possa compreender posições e colocações que continuam contraditórias entre os estudiosos da língua portuguesa.

Dentro da Linguística contemporânea, já se observa que o assunto envolve estudiosos como COMRIE (1976), que, apesar de não trabalhar com o aspecto no português, fez estudos relevantes sobre a categoria e demonstrou que os advérbios de tempo têm a função de estabelecer o TR, contribuindo para que outros continuassem o trabalho para tentar conceituar aspecto. Ele também se refere a alguns advérbios como *ontem*, *hoje* e *amanhã* que, para ele, são específicos para a localização de uma situação.

CASTILHO (1968) foi o primeiro linguista brasileiro a trabalhar com aspecto, fez um estudo exclusivo, o primeiro a analisar os recursos lexicais. Ele tenta levar em conta a flexão, o advérbio, os adjuntos adverbiais e as perífrases para tentar chegar a valores aspectuais. CASTILHO deixa um trabalho extenso, mas não se aprofunda em alguns pontos. Quanto aos advérbios, não é claro.

TRAVAGLIA (1985) segue o pensamento e até a mesma linha de CASTILHO quanto a aspecto encaixados.

MATEUS (1994) mistura vários paradigmas teóricos e acaba sendo incoerente. Quanto aos advérbios, nada acrescenta para nosso estudo.

GODOI (1992) procurou definir aspecto em termos de intervalo e, quanto aos advérbios, trabalha com alguns advérbios, mas também não os aprofunda.

Como se pôde observar, poucos lingüistas trabalham com os advérbios, no Brasil. ILARI (1985) mostrou preocupação com relação a isto e começou a desvendar o mistério fazendo uma separação e classificação dos advérbios, mas não entra na questão dos advérbios temporais e faz uma separação em que classifica os advérbios como focalizadores (também chamados de inclusão e de exclusão), os modalizadores e os aspectualizadores, advérbios qualitativos e advérbios circunstanciais. Ilari trabalha basicamente advérbios que formam uma só unidade lexical, valoriza o contexto e utiliza noções que REICHENBACH (1947) faz quanto à anterioridade, à simultaneidade e à posterioridade.

### **Considerações finais**

A categoria dos advérbios é definida em nossas gramáticas escolares com base em dois critérios: o do conteúdo que expressa e o das categorias gramaticais a que se refere. Afirmam-se que o tempo gramatical mais advérbio de tempo e de frequência vão designar aspecto, além de se propor que tempo gramatical e advérbio formam uma categoria única na sentença, o que contribuiria para o estabelecimento de TR. Os advérbios especificam TR e não importa se são ou não complexos. O tempo gramatical somado ao advérbio informa o tempo da sentença.

Ao observar os dados do VARSUL, notou-se que o uso dos advérbios, bem como sua posição no português falado, é bastante regular. A relação temporal é normalmente dada pelas relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade. Alguns advérbios, apesar de possuírem certa mobilidade dentro da sentença, não possuem nenhuma regra especial de sintaxe das línguas naturais. Pôde-se observar que esta mobilidade se verifica mais em termos de preferência individual de uso de certos advérbios em determinadas posições que na observância de qualquer formalidade de uso.

Nota-se que certos advérbios não combinam com certos tempos verbais. Alguns advérbios só se encaixam com tempo gramatical presente, assim como há advérbios que só se encaixam com tempo gramatical passado. O advérbio *agora*, por exemplo, pode indicar hoje, neste momento ou então um intervalo bem maior. O uso do *agora* indica que a ação vai se realizar logo depois do momento da fala.

Entende-se que *ontem*, *hoje* e *amanhã* são relativos ao momento da fala; o advérbio *hoje* pode ser usado com o verbo tanto no presente como no pretérito. Quando usado com o presente, a ação ainda vai se realizar, porém anterior ao momento da fala, e, quando usado com o pretérito, indica que a ação já se realizou.

Os advérbios *sempre* e *nunca* independem semanticamente do momento da fala. Quanto a *cedo* e *tarde*, achamos que diferem semanticamente dos outros advérbios, pois seu sentido é relativo tanto a outros indicadores de tempo quanto a valores culturais. Percebemos que os conceitos para *cedo* e *tarde* dependem, muitas vezes, de valores subjetivos e, ainda, comportam-se de forma diferente de *hoje*, *ontem*, *amanhã*, *sempre* e *nunca* talvez porque os primeiros podem ser intensificados.

Os advérbiais não alteram o aspecto; segundo as análises, eles mudam a situação, às vezes, introduzindo ou especificando o tempo de referência, às vezes, introduzindo uma nova situação ou ainda mudando as classes aspectuais.

É necessário perceber que o contexto é muito importante na interpretação temporal da sentença; assim como enfatiza a interação do advérbio com outros elementos da sentença na especificação temporal, através de um contexto mais amplo, podemos ter melhor compreensão do aspecto incluído nos tempos verbais próprios para cada situação.

Procurou-se no decorrer deste trabalho desenvolver um estudo sobre os advérbios aspectuais, porém, sabe-se que existem muitos pontos obscuros quando se fala em advérbios, tanto nas gramáticas tradicionais normativas como na lingüística contemporânea. Percebe-se também que alguns problemas ficaram de lado, mas alguns advérbios sempre nos remetem ao momento de fala e, quando não o fazem, tomam algum outro acontecimento como ponto de referência.

Espera-se ter contribuído, com este estudo, para uma maior compreensão do que sejam estas categorias *advérbio e aspecto* tão importantes e que tantas confusões nos causam.

## Referências

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 20.ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1987.

BARBOSA, J. S. *Gramática filosófica da língua portuguesa*. 5.ed. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1981.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 33.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1989.

BONFIM, E. *Advérbios*. São Paulo: Ática. Col. Princípios. nº. 988.

CAMARA JR., J. M. *Princípios de lingüística geral*. 4.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1971.

CASTILHO, A. T. de. *Introdução ao aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Tese de Doutorado. USP, 1968.

COMRIE, B. *Tense*. Londres: Cambridge University Press, 1976.

\_\_\_\_\_. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge, 1976.

CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. 8.ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1972.

\_\_\_\_\_. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, MEC/FENAME, 1985.

DOWTY, D. R. *Tenses, time adverbs and compositional semantic theory*. *Linguistics and Philosophy*, 1982, p. 23-35.

GODOI, E. *Aspectos do aspecto*. Tese de Doutorado. Campinas. UNICAMP, 1992.

ILARI, R. (org.). Sobre os advérbios aspectuais. In: *Gramática do Português Falado*. Vol. II, 1985, p. 153-212.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: *Gramática do Português Falado*. Volume I, 1985, p. 63-139.

MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 4.ed. Lisboa: Caminho, 1994.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 3.ed. São Paulo: Ática. 1995.

REINCHENBACH, H. *Element of symbolic logic*. New York. The Macmillan Company, 1948 (1947).

SMITH, C. *A sintaxe e a interpretação temporal em inglês*. 1978.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português*. Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.